

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANO LUIZ DOS SANTOS

**O MITO DE HÉRCULES E MEDUSA:
UMA ÓTICA SOBRE A ESTÉTICA, A CULTURA DO ESTUPRO E O
FEMINICÍDIO**

PARANAGUÁ

2018

ADRIANO LUIZ DOS SANTOS

**O MITO DE HÉRCULES E MEDUSA:
UMA ÓTICA SOBRE A ESTÉTICA, A CULTURA DO ESTUPRO E O
FEMINICÍDIO.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em ensino de filosofia no Ensino Médio no Curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio turma 2017, Setor de CEPEAD da Universidade Federal do Paraná.

Orientador Prof Dr Walter Menon

PARANAGUÁ

2018

RESUMO

O presente trabalho se pautou na discussão sobre o feminicídio e a violência contra o gênero feminino. Esse foi, em suma, o escopo do trabalho. Inicialmente, se buscou caracterizar o ensino de filosofia e a sua presença dentro do currículo do Ensino Médio, tanto na sua formulação quanto em qual é o papel que a mesma produz na sociedade. Em dado momento se falou do professor e sua constituição enquanto professor de filosofia para só então tratar da questão do feminicídio e da violência contra o gênero feminino. Fomentado pelas questões estéticas e a proximidade dessas temáticas com os mitos de Hércules e Medusa. Por fim, se falou das questões didáticas envolvendo o debate em sala de aula e sua importância para o ato do filosofar. A necessidade de tratar os temas propostos se dá em virtude das alarmantes situações que envolvem o gênero feminino, em relação à violência de gênero. O trabalho em si, não foi elaborado para dar uma resposta à causa e nem para sugerir mudanças comportamentais, embora o fosse, em sua pretensão intrínseca. O presente trabalho foi elaborado, tão somente, para demonstrar que os mitos gregos em suas especificidades podem ser trabalhados com situações hipotéticas do comportamento humano atual e comparar a atitude dos primeiros filósofos ao interpretarem os mitos racionalizando-os para que no final, a mudança de comportamento possa acontecer.

Palavras chave: MITO, MEDUSA, ESTÉTICA, VIOLÊNCIA, ESTUPRO

ABSTRACT

This work was based on a discussion concerning femicide and violence against the female gender. This was, in short, the scope of the work. Initially, we sought to characterize the teaching of philosophy and its presence within the high school curriculum, both in its formulation and the role it plays in society. At a certain moment we spoke about the teacher and their make-up while teaching philosophy, in order to only then broach the issue of femicide and violence against the female gender. Encouraged by aesthetic matters and the close relation of these themes to the myths of hercules and medusa, we finally raised didactic questions surrounding debate in the classroom and its importance to the act of philosophizing. There was a need to approach the proposed themes in view of the alarming situations involving females in relation to gender violence. The work itself was not prepared to explain the cause or to suggest behavioural changes, although that was the intrinsic intention. The present study has been prepared only so as to demonstrate that the greek myths in their specific characteristics can be applied to hypothetical situations of current human behaviour; and to compare the attitudes of early philosophers when interpreting the myths, rationalizing them so that, in the end, the behavioural change can happen.

Keywords: myth, medusa, aesthetics, violence, rape

SUMÁRIO

1. DO PROFESSOR DE FILOSOFIA E A ESCOLA	13
1.1. A ESCOLA.....	13
1.2. A FILOSOFIA NA ESCOLA.....	15
1.3. O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA.....	19
1.4. O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	21
2. DO PROBLEMA.....	23
2.1. O MITO.....	24
2.2 O MITO DE MEDUSA E DE HÉRCULES E O FEMINICÍDIO.....	25
2.3 O MITO DE MEDUSA E A “CULTURA DO ESTUPRO”, O USO DAS METÁFORAS.....	29
2.4 A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO E A ESTÉTICA.....	34
3 DA ATIVIDADE DO PROFESSOR DE FILOSOFIA EM SALA DE AULA.....	37
3.1 O USO DE DEBATES EM SALA DE AULA E A PROFICUIDADE PEDAGÓGICA DE UM DEBATE TEMÁTICO ASSOCIADO A QUESTÕES FILOSÓFICAS.....	37
3.2 O PERSONAGEM CONCEITUAL E O DEBATE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE AVALIAÇÃO	39
4. APONTAMENTOS CONCLUSIVOS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou discutir a presença da figura feminina nos mitos de Hércules e Medusa, tal se deu, dentro do debate que esses podem oferecer para alunos do Ensino Médio, em temas como estética e violência contra a mulher.

O assunto da violência contra a mulher, tem se tornado importante ao debate em sala de aula, visto que, é um problema tanto para os jovens quanto para os adultos e, de modo geral, na sociedade como um todo. É no espaço escolar que o jovem tem contato com a métrica social do comportamento, seja ele em sua dimensão social escolar, seja em seu convívio comum e pós-escolar. A estética está intimamente ligada ao assunto, então por isso, justificam-se elencar de modo concomitante os dois temas.

Ao se explorar o mito de Hércules¹, onde a temática estética está presente na figura de Alcmena², se permite o fomento do debate em sala de aula relacionando-o com o que ocorre em situações análogas de violência contra a mulher na vida real, a exemplo do feminicídio³. Já no mito de Medusa⁴, há a nítida presença do fomento ao debate em relação à estética, sobremaneira, no que tange a figura de Medusa como a sacerdotisa

¹ Herói, imortal que é fruto de um relacionamento entre Zeus, divindade do Olimpo, que se apaixona por Alcmena e a deseja até possuí-la se transformando em General, pois sua mãe era fiel a General. General era o marido de Alcmena, portanto um adversário de Zeus em certo sentido.

² Mãe de Hércules e esposa de General, também é mãe de Íficles filho legítimo dela com General, portanto mortal.

³ Termo utilizado para caracterizar a morte violenta da mulher devido ao seu gênero feminino.

⁴ Sacerdotisa do templo de Atenas e que foi violentada por Poseidon recebendo como punição se transformar em uma Gorgona, que tinha os cabelos em forma de cobras e que o seu olhar condenava o homem a se tornar uma estátua de pedra.

bela e desejada por Poseidon⁵, mulher essa, que fora estuprada pela divindade e sofreu punição de Atena⁶.

Como o objetivo desta pesquisa foi buscar elucidar, se há alguma relação entre os temas da estética e a violência contra a mulher, isto é, em relação ao gênero mulher e sua condição de ser mulher e devido também, a essa condição propriamente dita, estar dentro dos mitos gregos em questão e se de fato geram situações de violência pertinentes aos objetivos do debate. Então, por essa razão, se constrói a necessidade de analisar o mito grego⁷ para que a partir dele haja uma apresentação filosófica racionalizada. Essa análise ao ser feita pelos alunos de ensino médio e durante o debate pode construir o conceito almejado pelo debate em si e dentro do processo do filosofar.

O tema da pesquisa, não é novidade para os jovens integrantes do Ensino Médio. Tanto a questão da estética relacionada à violência, quanto à própria questão da mulher como vítima da violência, isto é, devido ao fato de estarem presentes no cotidiano dos alunos. Ambos são temas importantes a serem debatidos em sala de aula por conta também, dessa proximidade com o ambiente escolar. O que esta pesquisa procurou problematizar foi à necessidade de um debate formalizado sob uma perspectiva filosófica e no âmbito das aulas de filosofia.

Cabe ao professor de filosofia elencar os temas acima propostos, sob as luzes de textos filosóficos e com certo domínio da semiótica, que os termos mencionados abrangem. Para tanto, se buscou fazer menção às informações pertinentes aos dois assuntos, tal, se deu, ilustrando-os através de uma leitura hermenêutica dos Mitos Gregos de Medusa e Hércules. Esse modo de leitura foi feita principalmente no que tange à figura feminina de Alcmena e também da sacerdotisa⁸ Medusa para que se possa, sob a égide filosófica, racionalizar o mito em conceitos pertinentes ao assunto do debate. A pesquisa buscou

⁵ Deus dos mares que violenta Medusa dentro do templo de Atena acometido de seu desejo sexual da luxúria.

⁶ Atena era a deusa da Justiça e da Guerra.

⁷ Mito de Hércules e de Medusa.

⁸ Apesar de a sacerdotisa não ter a figura feminina enaltecida pela sua condição de ser sacerdotisa, ela despertava interesse aos olhos dos mortais e dos deuses que possuíam os mesmos desejos pela volúpia sexualista.

perceber se há essa possibilidade e quais seriam os possíveis resultados da utilização dos mitos gregos supramencionados, e ou, de outros para tal debate.

No que concerne à metodologia proposta, a mesma, se deu no campo teórico da revisão bibliográfica, bem como no uso da produção de conceitos e a partir da análise proposta na pesquisa, confrontou-se com bibliografia pertinente para que se pudesse oferecer uma prática de ensino viável em aplicabilidade na sala de aula e com apoio dos diversos recursos didáticos.

Um dos objetivos desta pesquisa foi o de explorar essa discussão entre o fenômeno mulher nos mitos associando esse fato a violência do mundo real, cuja quais as mulheres sofrem. Mas antes de adentrar ao campo da análise racionalizada dos mitos de Medusa e Hércules, se fez uma breve explanação sobre o papel da filosofia e da escola como aquela que fomenta tanto a pesquisa quanto o próprio arcabouço do filosofar.

O espaço escolar é o ambiente, cujo qual, se busca construir a individualidade intelectual e a convivência coletiva dos estudantes. O educador Demerval Saviani (2017), coloca em entrevista publicada no site www.5dias.net, que “O papel da escola é o de ser o ambiente adequado para que o professor possa exercer da melhor forma possível o seu papel.”⁹. Uma pergunta que surgiu, nesse ínterim, é o de; “Qual seria o papel do professor de filosofia no ensino médio?” Coube inicialmente, debater se esse papel está de fato sendo efetivo ou não. O professor de filosofia, doravante entendido como professor de filosofia no Ensino Médio, de modo geral é o agente instigador daquilo que se denomina como “individualidade intelectual”¹⁰.

O aluno possui em sua bagagem conceitual aquilo que conhece do mundo, e a partir disso, chega à escola em busca conhecimento e da interação do mundo com aquilo que ele próprio conheceu. Esse conhecer se dá através da sua “individualidade intelectual”, mediada pelo professor e pelo ambiente escolar. No que se refere essa individualidade, também está presente na forma pela qual, cada indivíduo produz conhecimento a partir

⁹<http://5dias.net/2011/05/27/aprender-a-aprender-um-slogan-para-a-ignorancia>. Acesso em: 07 dez. 2017.

¹⁰ Essa expressão é emprestada dos conceitos de diversidade inclusiva, mas que no escopo deste trabalho se insere de modo mais amplo chegando a atingir a totalidade dos indivíduos.

daquilo que absorve e digere dentro e fora da sala de aula. Sacristán, Gomez (1996) diz que:

A escola, por seus conteúdos, por suas formas e por seus sistemas de organização, introduz nos alunos/as, paulatina, mas progressivamente, as ideias, os conhecimentos, as concepções, as disposições e os modos de conduta que a sociedade adulta requer. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1996, p.13)

Dessa forma, fica cristalino que a individualidade intelectual, mencionada acima, requer uma íntima ligação da convivência individual do aluno com a sociedade, seja no seu convívio comum do ambiente escolar, seja no pós-escolar na vida cotidiana. Então, a tratativa do assunto, “Violência contra a mulher ou feminicídio”¹¹, pode e deve estar inserida no ambiente escolar. É público e notório que os dados da violência contra a mulher são preocupantes, sendo o espaço da escola livre para esse o debate, fomentado e mediado pelo professor.

A escola, como um todo, pode e deve fomentar o debate, mas cabe a disciplina de Filosofia, propriamente dita e de modo singular, fornece recursos indagadores para esse debate. Como se encontra no pensamento de Gérman Calderón Calderón (2011) “A sabedoria vem por trás das perguntas. As perguntas trazem conhecimento para a ação, sentido para as relações e luz para perceber e compreender a vida e o caminho das ideias e do pensamento”¹².

O filosofar é tarefa árdua do conhecimento e não é estático ou estanque no ambiente escolar. Há sempre a indagação daquilo que se concebe pelo que é a atividade do filosofar ou de sua atitude propriamente dita. Segundo Wittgenstein, (1961).

A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, é uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários. A filosofia não resulta em proposições filosóficas, mas em tornar claras as proposições. A filosofia deve tornar os pensamentos que, por dizer de alguma maneira são vagos e obscuros e torná-los claros e definidos. (WITTGENSTEIN, 1961,76-77, apud CALDERÓN, 201, p.116).

¹¹ Conceito comum e previsto em lei tal como a lei LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Conhecida como lei Maria da Penha

¹² p.116.

Assim, a produção intelecto-social, estimulada pela filosofia e principalmente pelas aulas de filosofia no ensino médio, se tornam profícuas para aquilo que se pretende com um debate em sala de aula. No caso do tema violência contra a mulher, essa proficuidade está além do esclarecimento, mencionado por Wittgenstein e pelo questionar conforme Calderón, (2011) e é, ainda, uma conduta social fomentada pela escola conforme menciona Sacristán e Gomez, (1996).

Ainda que se deseje a mudança de comportamento social humanístico, o debate sobre a temática mencionada, pode não surtir os efeitos que se desejaria para uma sociedade livre da violência, mas ao menos, a filosofia tem exacerbada a sua eficácia naquilo que se propõe, isto é, o de ser questionadora e não apenas o de formular as proposições sem um questionar que caminhe para o que deva ser o “agir filosófico”.

Nos momentos em que a filosofia é questionada sobre a sua finalidade, é comum, tentar lhe dar guarida através da forma que se torna prática, isto é, dentro do âmbito do debate ético e moral.¹³ Debater assuntos pertinentemente filosóficos possui em seu escopo a mudança de comportamento como objetivo. Esse é então, um dos objetivos que esta pesquisa almeja, isto é, o de que as tratativas feitas pelos debates propostos, possam a partir da análise situacional onde há a presença feminina no mito de Hércules e Medusa serem transformadores de comportamento. E que esses também, possam oferecer algo, como já fora dito anteriormente, profícuo aos alunos do Ensino Médio e principalmente se apossando, como os gregos inicialmente fizeram, da estrutura do conhecimento, tal não a partir de uma ruptura com os mitos, mas o de um evoluir para o conceito da razão.

“Ora, os poemas homéricos apresentam algumas peculiaridades que os diferenciam de poemas que se encontram na origem da civilização de outros povos, pois já contêm algumas das características do espírito grego que resultarão essenciais para a criação da filosofia” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 15.).

A escolha dos mitos gregos de Hércules e Medusa não se deram de forma aleatória, mas por tratarem da figura marcante de duas mulheres, Alcmena e Medusa. Essa situação se mostra mimética a forma, como a que muitas mulheres vítimas da violência o são, tal como, Alcmena que teria sido uma mulher, que se depara com a insistência de Zeus em

¹³ O agir ético e moral tem em seu escopo o aspecto prático da ação filosófica.

possuí-la sexualmente. O sexíssimo que os mitos gregos possuem, também, está presente nas inter-relações em que os alunos têm e de modo geral, em conformidade com sua idade pueril. Medusa, por sua vez, não possui culpabilidade alguma por ser bela e muito menos por ter sido violentada por Poseidon dentro do templo de Atena e que, por tal, fora punida. A sua punição se parece em muito com o que ocorre em relação às inúmeras histórias reais de mulheres violentadas e ou assediadas, sobremaneira por questões estéticas.

Dentro da escola não é diferente. É comum acontecerem rixas e até feminicídio por conta da beleza que alguma garota tem¹⁴. Não se exclui os meninos de tal violência, mas como o foco desta pesquisa é debater a violência contra a mulher e a partir da racionalização do mito, se buscou então, focar de modo específico nas duas personagens mitológicas.

A pretensão desta pesquisa possui o interesse em buscar a mudança comportamental, mas é necessário mencionar que o interesse pedagógico é justamente o de trabalhar o conteúdo da importância dos mitos para o surgimento da filosofia, conforme consta nas diretrizes do ensino de filosofia na SEED do Estado do Paraná.¹⁵ Tal, se deu concomitantemente com a temática proposta para o debate, de tal modo que, ao final da mesma se ofereça de modo sutil, a informação sobre a importância de se distanciar dos mitos em sua “não realidade” para se aproximar da sua condição de “realidade” fundada na racionalidade. As formas literárias que os poemas míticos se utilizavam, serviram para que dos pré-socráticos aos socráticos e aos que vieram após estes, se utilizasse de metáforas para ensinar, tal como fez Nietzsche¹⁶ com Zaratustra e ou Leonardo Boff¹⁷ com a metáfora da Águia e a Galinha que apesar de distantes da antiguidade continua

¹⁴ Um crime violento chamou a atenção da população de Guarapuava. Uma briga entre três adolescentes terminou na morte de Jéssica Borodiaki dos Santos, de 15 anos. A vítima foi esfaqueada por outras duas adolescentes, uma de 14 e outra de 16 anos, na saída do Colégio Leni Marlene Jacob, no Bairro Primavera. <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/aluna-e-morta-a-facadas-na-saida-da-escola-9sibvycau75ihja0tl56xxf0u> disponível às 12:55 em 09/02/2018. Como justificativa da rixa entre as garotas a acusada alegou que a vítima chamava a atenção de seu namorado, envolvido o crime, por ser muito bonita.

¹⁵ Secretaria de Educação do Estado do Paraná. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf disponível em 04/04/2018 às 13:27.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁷ BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha, a metáfora da condição humana*. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

sendo muito eficaz para elencar conceitos filosóficos. Não há a pretensão de comparar as metáforas presentes nos mitos com outras obras de modo pretensivo e ingênuo, mas apenas como ilustrativo, no sentido em que o uso de linguagens semióticas é necessário para o aprendizado e em filosofia.

Trabalhar os mitos gregos como parte propulsora da gênese da filosofia, traz a qualidade no projeto de ensinar a filosofia, tal, a partir de sua gênese. Nesse sentido, o Mito Grego tem suas características enaltecidas, no que tange a sua proximidade com a realidade do homem grego. Werner Jaeger (1995) ao falar dos mitos gregos na formação da sociedade grega antiga, nos esclarece que quando fala que é da forma que o mito é narrado que se encontra a fonte principal de referência, cuja qual, se pode perceber o cotidiano do homem grego.

Quando a Odisseia pinta a existência do herói depois da guerra, as suas viagens aventureiras e a sua vida caseira com a família e os amigos, inspira-se na vida real dos nobres do seu tempo e projeta-a com ingênua vivacidade numa época mais primitiva. Ela é deste modo, a nossa fonte principal para conhecermos a situação da antiga cultura aristocrática. (JAEGER, 1995, p.41)

Há ainda a necessidade de se buscar a proximidade do discurso histórico filosófico com o discurso do filosofar. Questionar os mitos gregos é mais que apenas relatá-los, enquanto sua condição grega de narrativa fantasiosa, é sim, fazer uso do que REALE, ANTISERI, (2003, p. 15), chama de genialidade dos gregos. “Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como criação própria do gênio dos gregos”. A genialidade mencionada, não é uma exclusividade do homem grego, mas foi, segundo os autores, a condição necessária para que o filosofar tivesse êxito conjuntamente com toda cultura grega e no que se entende por afastamento dos mitos para o surgimento da filosofia em si.

Esta pesquisa buscou também aproximar a atividade do filosofar através do debate proposto aos alunos, pela inserção do assunto “violência contra a mulher”, associando-o ao conteúdo próprio do filosofar e do conhecimento sobre a realidade do momento grego. Essa atitude se deu em comparação com a realidade própria dos alunos. Propõe-se oferecer aos alunos a possibilidade do filosofar, isto é, ao se pesquisar os mitos propostos, neste trabalho, buscar a possibilidade de racionalizar o mito, de modo a não

ficar restrito à fantasia, mas fazer como o próprio Tales¹⁸ o fez, “De fato, Tales baseia sua afirmação no puro raciocínio, no logos; os outros, ao contrário baseavam-se na imaginação e no mito.” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 30). A atividade do filosofar surge intrínseca com os objetivos propostos pelo discurso do debate.

Esta pesquisa também esteve por construir um discurso humanista em relação aos temas propostos, que são atividade própria das aulas de filosofia e proposto pelo currículo em si, dentro das diretrizes do ensino de filosofia e nesse ponto referenciando-se especificamente ao da SEED-PR, no que cabe perceber a necessidade de temas cotidianos junto aos conteúdos próprios da filosofia. Como se percebe ao caminhar pelo assunto, há a necessidade social e funcional da escola em debater esse tipo de assunto. Trabalhar os Mitos requer a atenção para não os caracterizar como propriedade única e findada entre os gregos, mas partindo de uma atualização constante na forma, pela qual, os próprios gregos o fizeram, isto é, o de racionalizar o mito a ponto de produzir conceitos e pensamento filosófico, tais, em perspectivas práticas, sobremaneira, por se tratar de ensino de filosofia para jovens do Ensino Médio.

1. DO PROFESSOR DE FILOSOFIA E A ESCOLA

A identidade do professor de filosofia junto à escola está presente no próprio ensino da disciplina, isto é, fazer o filosofar preconiza a dicotomia mestre – discípulo, ou em seu sinônimo contemporâneo professor-aluno. Ambos são pertencentes à estrutura básica daquilo que chamamos de escola.

1.1. A ESCOLA

A Escola é o espaço, cujo qual, o conhecimento sistematizado pelo Estado acontece. O espaço escolar além do conhecimento intelectualizado é um espaço de interatividade cultural. Deixar de oferecer esse espaço a qualquer um que seja pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento cognitivo e sobremaneira ao sociocultural.¹⁹ “... quaisquer formas

¹⁸ Filósofo pré-socrático considerado o pai da filosofia.

¹⁹ Não há a necessidade de debater a legalidade da necessidade do espaço escolar na educação, citando o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA e nem a CF88 no que tange a obrigatoriedade dos pais em matricular seus filhos em escolas. O que esta pesquisa busca debater é o espaço escolar como equipamento social.

de empobrecimento da experiência escolar estariam, portanto, deixando de promover o acesso do indivíduo a dimensões fundamentais de sua própria cultura” (Kohl, 1996, p. 101), de tal modo que, a experiência escolar possui por si a dimensão da construção cultural do indivíduo. Não se deva esquecer que o indivíduo cultural é um todo e que a família tem grande importância nessa formação. Entretanto, quando os pais matriculam seu filho em uma escola, oferecem à Escola ou ao Estado o papel auxiliar construção sociocultural e espera que essa a ajude a construir o indivíduo para a sociedade por assim dizer. Outro aspecto que Gomez, (1998) coloca é o de que “...o objetivo básico e prioritário da socialização dos alunos na escola é prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho.”²⁰ Mesmo que esse seja o papel da escola de modo sutil, ela está além do processo tecnicista de produção de mão de obra construindo um indivíduo sócio cultural. A escola como um todo possui em sua própria estrutura social, isto é, a inter-relação professor aluno e a comunidade escolar como um todo é uma forma de cristalizar o conhecimento por si, além de construir uma base social para o mundo fora da escola.

Considerar o espaço escolar apenas como um espaço de conhecimento intelectual seria, de certo modo, um equívoco quanto à própria dimensão do que ele representa para os alunos, pois é nele que esses:

“...aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas com consequências da transmissão e intercâmbio de ideias e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como consequência das interações sociais de todo tipo que ocorrem na escola ou na sala de aula.” (GOMEZ, 1998 p.17)

A escola, enquanto espaço físico, aglutinador de indivíduos possui em sua base funcional o convívio social aliado ao interesse pela busca do conhecimento cognitivo. Entretanto, da parte dos alunos, participar desse momento é culturalmente intrínseco a sua condição de adolescente, o que não deve deixar de ser levado em conta quando se fala de espaço escolar. Por mais que se pense na obrigatoriedade do ensino como consequência de um sistema, o espaço escolar se torna prazeroso ao aluno justamente no que tange à convivência e é nesse momento que os debates relacionados ao conteúdo

²⁰ P.15

acontecem e a disciplina de filosofia contribui para construir o pensamento humanístico de forma sutil, mas contundente.

1.2. A FILOSOFIA NA ESCOLA

Para debater a questão da filosofia na escola, este trabalho buscou iniciar a discussão para tratar do tema a partir de um fragmento onde Adorno faz críticas ao papel da filosofia no pós Hegel e que de modo parecido, é comum ao que se fala sobre o papel da filosofia na Escola e seu retorno ao Ensino Médio. Concomitantemente as máximas kantianas da dicotomia, ensinar filosofia ou ensinar a filosofar, bem como, debater a questão da importância e a seriedade das PCNs para o ensino de filosofia.

Segundo Silva, 1995 p. 158: Adorno constata, “(...) a filosofia posterior a Hegel conseguiu sobreviver sem possuir, no entanto, o status que outrora lhe era outorgada. ”, para tal destaca que;

(A Filosofia) já não, é utilizável para as técnicas de domínio da vida(...). A filosofia não oferece tampouco um meio de educação para além dessas técnicas como durante a época de Hegel (...). A crise de conceito humanístico de educação (...) está submetida, na consciência pública, a filosofia como primeira disciplina, depois que desde a morte de Kant aproximadamente se fizera suspeita por sua errônea relação para com as ciências, para com as da natureza sobretudo. Os renascimentos Kantianos e Hegelianos (...) não modificam muito as coisas. Por último a filosofia se estabeleceu (...) como uma disciplina especial. Purificada de todo conhecimento objetivo. Como o que negou aquilo pelo qual não obedece a imposição do saber disciplinar. Ao mesmo tempo por sua abstinência de conteúdo determinado, (...) declarou sua bancarrota frente as reais finalidades sociais. (Theodor W, Adorno, Filosofia y supercicion, p.10 apud SILVA,1995 p.159)

Adorno, quando coloca que essa filosofia está fadada a bancarrota parece indicar uma negatividade aos mais incautos sobre o estudo real da filosofia. A falta de fundamentabilidade filosófica na maioria das vezes se credita ao que ocorreu na crítica que Adorno faz e no que acontece com a filosofia no pós Hegel, sobremaneira no que tange a relação com o Idealismo Alemão. Entretanto, ao que Adorno prescreve, soa como a um alerta e isso fica claro quando Silva, 1995 completa “A filosofia adquire, para Adorno, a significação de uma instância redentora da própria razão. Essa crítica é materializada como forma de resistência, frente aquilo que se apresenta aos nossos

olhos enquanto imagem distorcida da realidade.”.²¹ Assim, de tal forma que, a filosofia ao longo de seus mais de dois mil anos de debate, perpassa por momentos de esquecimento e de enaltecimento, de tal modo que, como aconteceu com a disciplina em si no Ensino Médio.

A disciplina de filosofia perde a obrigatoriedade no período em que vigorou a ditadura militar no Brasil, tendo o texto da LEI Nº 5.692²², DE 11 DE AGOSTO DE 1971, de certa forma, enterrando a ideia de que alunos de Ensino Médio estudassem a filosofia, seja ela no seu modo tradicional ou naquilo que Adorno constrói em sua crítica. A lei 4024/61²³, já havia colocado a disciplina de filosofia como sugerida e complementar ao currículo, o que na prática, culminaria no seu encerramento dentro da Escola. Com o término do período militar, o governo brasileiro volta a discutir o ensino de filosofia no Ensino Médio e na LDB 9394/96²⁴ se inclui o ensino de filosofia, porém tal, “... depois dessa longa ausência, é expressão do avanço do ideário neoliberal e apresenta uma concepção aparentemente avançada” (CAMPANA, 2012 p.11). Segundo a autora essa concepção de retorno da filosofia ao ensino médio não atingiria o esboço, daquilo que deveria ser o seu retorno e passa a se formar um calvário cheio de erros e enganos, a começar pela lei em si que promove, segundo Campana, 2012 a “diluição” da filosofia no conceito de transversalidade. A autora coloca esse quesito como um “pecado capital”, pois nada tem de “lisonjeiro” e muito pelo contrário, completa colocando que, “Essa lei ainda indica a importância dos conteúdos, mas não estabelece a obrigatoriedade da presença da disciplina de Filosofia nas escolas” (CAMPANA, 2012 p.12). Assim, até o início dos anos 2000, período em que o Brasil fora governado por um grupo que se seguiu ao do seguinte ao regime militar em um momento de redemocratização do país. Esse se estabeleceu como um grupo defensor do neoliberalismo na década de 1990 e com isso, não houveram avanços significativos, segundo a autora, no que tange ao que poderia se pensar como interessante ao retorno da disciplina de filosofia no Ensino Médio.

²¹ P. 163

²² PLANALTO. LEI 5.692/1971 (LEI ORDINÁRIA) 11/08/1971 01:00:00. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5692.htm>. Acesso em: 17 mai. 2018

²³ PLANALTO. LEI 5.692/1971 (LEI ORDINÁRIA) 11/08/1971 01:00:00. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5692.htm>. Acesso em: 17 mai. 2018.

²⁴ PLANALTO. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/I9394.htm>. Acesso em: 17 mai. 2018.

Com relação aos PCNs, Campana, 2012, faz duras críticas, onde chama de “enganoso” o ensino por temas transversais, pois, “...repassa ao aluno a responsabilidade pela própria formação, seu sucesso ou fracasso,”²⁵ para tal, cita Dalton José (2002) para conferir crítica aos objetivos da presença da Filosofia no Ensino médio, pois “ afirma que eles também não são coerentes: a aprendizagem significativa exige um professor capacitado para fornecer ao aluno uma visão ampla, ao mesmo tempo em que forme interconexões com outros saberes”. (DALTON,2002 apud CAMPANA 2012, p.12)

Neste ponto, a crítica feita pela autora Sônia Campana, corrobora com a questão elencada por esta pesquisa ao mencionar a importância do professor de filosofia em possuir conhecimento e formação correspondente a área além da competência para tal. Essa situação possui a importância de fato para que se possa mediar um bom debate, no sentido e em que, se produza de fato os conceitos verdadeiramente filosóficos.

A política de governo que buscou promover esse retorno agiu aparentemente de modo humanístico, mas tentador ao fracasso. Cabe ao professor de filosofia junto à comunidade escolar, construir a necessidade do ensino de filosofia e sua permanência no Ensino Médio. A própria autora lembra que “os PCN (sic PCNs) enfatizam a educação humanista retomada como uma meta presente na educação desde os fins do século XIX” e que esse ideário “iluminista”, fornece uma redenção ao retorno da filosofia no Ensino Médio. Nos documentos oficiais, a justificativa da presença da Filosofia aparece como uma forma “de amenizar o acento tecnológico da educação na sociedade atual. ” (CAMPANA, 2012 p.12).

A filosofia no Ensino Médio só teve seu retorno aprovado em 1999 pela “Câmara dos Deputados, mas efetivamente só voltou a se discutir sobre ela, após um período de “geladeira” neoliberal e em 2003 iniciaram-se novamente os debates para esse retorno, o que culminou de fato em 2008 conforme a lei 11.684²⁶. Dentro desse panorama e com

²⁵ P.12

²⁶ Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica. A nova legislação deu força de lei ao [Parecer](#) nº 38/2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que tornava obrigatória a inclusão de filosofia e sociologia no ensino médio sem estabelecer,

os últimos acontecimentos depois de 2013, o mais agravante, em relação à permanência ou não da disciplina no Ensino Médio, foram os acontecimentos relacionados ao que ficou conhecido como movimento estudantil de “Ocupa escola já”²⁷ onde, por parte dos interesses do governo de Michel Temer a Filosofia e a Sociologia deixariam de ser obrigatória na “Reforma” do Ensino Médio.

A filosofia como disciplina do Ensino Médio, é, portanto, uma das formas pelas quais o aluno constroi a oportunidade de ter contato sistematizado com o conteúdo da filosofia, conforme as PCNs, mas também no que tange a dicotomia do aprender filosofia e aprender a filosofar. Sonia chamará de paradoxal ao citar Derrida “(...) sua experiência é também aquela de uma *aporia* através da qual é necessário reinventar, sem cessar, um caminho sem garantia” (DERRIDA,1990 apud CAMPANA, p.15). A filosofia tem em seu arcabouço, o conteúdo em si. CAMPANA, 2012 se refere à disciplina como aquela que é “uma disciplina na qual se faz a reflexão sobre outros saberes”. De tal modo que, pensar a disciplina de filosofia dissociada do conteúdo se torna uma forma de menosprezá-la como disciplina, entretanto, seu papel possui outras responsabilidades, pois chega ao ponto de se tornar a disciplina, que possui o vivenciar em seu néctar filosófico, isto é, o pensar, o refletir e o contribuir para outros saberes.

Trabalhar com filosofia no Ensino Médio é além de tudo uma grande oportunidade desse momento específico, como Campana, 2012 coloca, em que “Não se trata, portanto, de tomar como referência o que se tem feito no Ensino Superior e adequá-lo ao que se considera que o aluno de Ensino Médio tem capacidade de absorver” (CAMPANA 2012 p.25) . É muito mais que adequar, mas sim criar formas pelas quais,

no entanto, em que série deveriam ser implantadas. Na época, as duas disciplinas já eram adotadas em instituições de ensino médio de 17 estados brasileiros. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32546> disponível em 12/02/2018 às 13:28

²⁷ Segundo levantamento da Exame, mais de 1100 escolas foram ocupadas em 22 estados brasileiros (mais o Distrito Federal). O maior foco de ocupações é o Paraná, onde 850 instituições foram tomadas por secundaristas, segundo o Movimento Ocupa Paraná, da Ubes. A Secretaria do Estado de Educação afirma que 752 continuam ocupadas no dia 31 de outubro. Estudantes começaram a tomar as escolas no último dia 6. Mas o movimento pode terminar em breve, pois a Justiça determinou a reintegração de posse de algumas das principais escolas de Curitiba. POLITIZE. O que pedem os estudantes das escolas ocupadas? Disponível em: <<http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

o ensino de filosofia seja, sobremaneira, “de nível” em suas reflexões. O “luxo ou sinal de polimento cultural”²⁸ que a autora coloca como estigma do ensino de filosofia, deve ser combatido pelas aulas de qualidade reflexiva imersas no que de fato é a filosofia, isto é, que ela possua valores emancipatórios. Tais, sob a égide da autonomia nas reflexões propostas. Também advém as questões relativas ao ensino de filosofia estarem presos a um currículo histórico, o que Aspsis e Gallo 2009 deixam claro é que “não significa um desprezo ou uma negação da história da filosofia” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.53). O uso da história da filosofia é só mais uma forma de ativar a reflexão sobre ela.

1.3. O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA

O professor de filosofia, em sua formação acadêmica, ao se licenciar para ministrar aulas de filosofia, recebe como conteúdo uma visão fragmentada e dependente da instituição que lhe contrata para tal. A sala de aula, de modo geral, preconiza e “...exige a presença de um profissional com formação específica. ” (CAMPANA, 2012 p.25). É sabido, que as carências de profissionais da área podem de modo geral promover um sucateamento da disciplina, colocando professores que não tenham a devida formação para ministrar aulas de filosofia.

Conforme LDB MEC de 1996 ²⁹ “Os cursos de filosofia deverão formar bacharéis e ou licenciados em Filosofia.” e ainda que, “A Licenciatura estaria orientada, sobretudo, para o ensino de Filosofia no ensino médio.” (MEC apud CAMPANA, 2012 p.29). Seguindo o raciocínio da autora e em relação a este trabalho, cabe discutir então, a necessidade de que as aulas de filosofia sejam ministradas por professores de filosofia com formação

²⁸ CAMPANA 2012, p.25

²⁹ PLANALTO. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 17 mai. 2018.

em filosofia, seja ele bacharel ou licenciado. O importante é que esse tenha recebido a formação em filosofia e para que dela trate com conhecimento de causa.

O ato do filosofar não é uma exclusividade do professor de filosofia é, no entanto, ao contrário. Ele é aquele que fomenta o ato do pensar como reflexão e como uma “Areté”³⁰. Werner Jaeger, 1995 deixa claro que a formação do homem grego é aquela que produz o homem como indivíduo ligado a pólis e a formação do professor de filosofia é dada àquele que busca o bem da pólis e nesse ponto pólis se compara à comunidade escolar. O professor de filosofia é aquele que se “entrega”³¹.

O professor de filosofia é um instigador, isto é, não cria soluções, mas sim, os problemas e aponta, *quicá*, caminhos junto aos alunos. O conceito de Deleuze deixa muito cristalino a forma de como o professor de filosofia deve pensar as suas aulas, “aquilo que só pode ser sentido (...) sensibiliza a alma, torna-a perplexa” (DELEUZE, apud CAMPANA, 2012 p.32). A perplexidade é parte inerente ao filosofar e é construída de modo simples e ao mesmo tempo complexo. Cabe ao professor de filosofia, junto aos seus alunos buscar soluções e apontar caminhos sem determiná-los. Simples, porque parte das perguntas básicas, “o porquê” e complexas, pois responde com as mesmas perguntas “o como”. Tais abrem novas possibilidades à perplexidade. O professor de filosofia, então, é aquele que apesar de sua formação específica é sempre o aluno, é sempre o buscador e é aquele que caminha com seus alunos nos debates. É aquele que lega aos estudantes a capacidade de gerenciar ou apontar caminhos e não soluções e o que lhe garante esse apontar é tão somente a sua condição “docente”³².

Outro aspecto importante é o de se pensar o como ensinar filosofia. Este trabalho não fará nenhum grande avanço nessa discussão entre ensinar filosofar ou ensinar a filosofar com base na história da filosofia, mas é importante ressaltar que as duas situações fazem parte de um único propósito. A discussão em torno dessa temática é demasiado exaustiva e no final dela o que se pode concluir é que a filosofia é exatamente isso.

³⁰ Palavra de origem grega que expressa o conceito grego de excelência, ligado à noção de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina e de uma educação grega para a pólis. Segundo Jaeger é a própria formação do homem grego.

³¹ CAMPANA, 2012 p.31

³² Docente nesse contexto não se refere a profissão mas a missão.

Debater as questões de modo argumentativo e não erra quem o faz. No fim das contas, é pensar que todas as respostas são partes da mesma pergunta.

“-Realmente, um ponto importante para se pensar o desenvolvimento do ensino de filosofia é a ideia de que fazer apenas história da filosofia não é suficiente. Fazer filosofia sem história da filosofia seria equivocado e impossível, pois as duas coisas estão muito ligadas”. (NOBRE, TERRA, 2007 p.25)

Assim, a filosofia, não necessita de estigmas nem dogmas sob o risco de se tornar uma disciplina de pouca ou nenhuma importância. “Toda a questão, tanto no ensino médio quanto no superior, é como articular a história da filosofia dentro de um pensar filosófico. (...) Pensar filosoficamente exige conhecimento da história da filosofia”. (NOBRE, TERRA, 2007 p.25). Como fora exposto acima este trabalho não entrará no meandro da discussão sobre a questão da história da filosofia no ensino de filosofia, mas o mais importante é pensar que o filosofar é a égide do ensino de filosofia, sobremaneira no Ensino Médio por tratar de adolescentes em sua ampla maioria. Trabalhar filosofia não no Ensino Médio não deve ser enfadonho e sim instigante e é nesse ponto que esta pesquisa defendeu o uso dos Mitos Gregos associando ao cotidiano, até mesmo porque o próprio termo está ligado a ele em sua tradição histórica.

1.4. O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

O Ensino médio é o momento de decisão sobre o futuro acadêmico do jovem e adolescente, momento esse em que os alunos estão findando seu movimento estudantil inicial e já pensando na formação laboral. A formação geral, que os alunos recebem das matemáticas, das informações históricas, gramaticais e filosóficas não cessam com o término do ensino médio, mas se acentuam no nível superior de modo mais específico, dependendo da área que esse aluno se dedique e se o mesmo for diretamente para o mercado de trabalho sem passar pelo Ensino Superior, a formação humanística e até mesmo profissional que esse aluno recebeu contribuem para seu desempenho profissional.

O papel do professor de filosofia no ensino médio, então, não é o de apenas cobrar conteúdos programáticos constantes nos currículos e tão menos o fornecer uma formação acadêmica aos estudantes do Ensino Médio, “Assim, o ensinar filosofia é ensinar o ato, o processo do filosofar”(SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R). Cabe ao professor de filosofia, de modo transversal a outras disciplinas, fomentar a reflexão dos debates, para que esse processo do filosofar aconteça, pois é no calor do debate dialético que o filosofar tem seu terreno fértil a novos argumentos, teses e conceitos. O professor de filosofia corre em muitas vezes o risco do que SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, 2007 chama de “desfilosofar” algum conteúdo, mas a técnica para o debate é inerente ao homem e o contra argumentar de filosófico contribui para qualquer debate. Aliás o próprio argumentar é uma característica consequente do pensar.

O professor de filosofia do Ensino Médio é além de tudo um representante da filosofia no Ensino Médio a ponto de:

“Garantir um currículo do ensino médio como expressão de um equilíbrio entre as potências do pensamento conceitual (filosofia), do pensamento funcional e proposicional (ciência) e do pensamento perceptual e afetivo (arte) significa oportunizar ao estudante uma experiência possivelmente única com cada uma dessas potências.” (SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R, p.21)

Ao parafrasear Gilles Deleuze e Félix Guattari, o autor coloca nas mãos do professor de filosofia uma oportunidade e não apenas uma responsabilidade. O sistema de modo geral, tem essa incumbência e ao professor de filosofia cabe a oportunidade de oferecer um estudo da filosofia ou de modo mais profícuo, um filosofar da filosofia ou das filosofias e seus sistemas filosóficos. O sistema educacional em si, trata das responsabilidades dentro dos PCNs e documentos oficiais. Entretanto, dentro da sala de aula o professor se norteia pelo interesse direto da filosofia em si é o que SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R, 2007 chama de “uma experiência singular de pensamento”, isto é, que se justifica por si só a presença da filosofia no ensino médio e da atribuição do professor de filosofia ser o professor de filosofia e não outro para ministrar as aulas de filosofia.

Separar o professor de filosofia do próprio ato do filosofar é, no mínimo, não produtor. O professor de filosofia que tem a incumbência de ministrar as aulas de filosofia no Ensino Médio é por si, alguém que filosofa. A disciplina de filosofia no

Ensino Médio, em seu escopo, é aquela que fomenta a produção de conceitos e os agentes dessa produção são, em suma, o professor e os seus alunos. Deleuze e Guattari colocam que:

“O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. (...). Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. (...). Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. (...). Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (Deleuze e Guattari, 1992 *O que é a filosofia?* p. 13. Apud SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R, 2007).

O professor de filosofia do Ensino Médio deveria, então, buscar em seus alunos essa produção de conceitos, que são por si só material de base do filosofar. O como fazer isso é a questão chave para o professor que demanda para si conhecimento do processo do filosofar. O ato de manter uma educação que se baseie em conteúdos mantenedores de conceitos estáticos, pertence a outras disciplinas. O conteúdo e o objeto de trabalho, tanto quanto, os agentes desse conteúdo, isto é, o professor de filosofia junto aos seus alunos produzem ao final de suas aulas novos conceitos, novas soluções, assim corroborando com a citação de Deleuze e Guattari, 1992.

2. DO PROBLEMA

A questão a ser debatida neste trabalho não se restringe apenas ao papel do professor de filosofia ou da filosofia em si no Ensino Médio. Está dentro do que a proposta da monografia apresenta, isto é, o de construir uma aplicabilidade de discussão filosófica em sala de aula, com temas gerais dentre outros também como, por exemplo, a honestidade, o heroísmo ou o amor. “E, através da tematização do amor, poderemos, por exemplo, ler o diálogo, *O Banquete* e acompanhar a teorização sobre o tema produzida pelo mesmo Platão.” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.52). Trabalhar com clássicos em questões envolventes no cotidiano dos alunos se torna prazeroso e produtor.

A escolha da discussão sobre os Mitos e sobremaneira sobre os Mitos de Hércules e Medusa, se deu por estarem inseridas nas discussões filosóficas acerca das temáticas comportamentais, mais especificamente sobre a violência contra a mulher. “E se defendemos uma abordagem temática, é porque, a nosso ver, ela facilita a visualização dos problemas filosóficos, mais do que uma abordagem histórica.” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.53). O que não quer dizer, que não se trabalhe a filosofia com a sua dimensão histórica conforme Aspis e Gallo coloca que “... não significa um desprezo ou uma negação da história da filosofia” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.53), mas uma forma de aliar o estudo e a problematização para a função mesma da filosofia.

2.1. O MITO

O mito é a forma pela qual ao longo do tempo a história humana foi sendo transmitida. Carrega em si o mágico e o espetacular, mas não menos importante que os relatos dos fatos. O Mito é além de tudo, a expressão cultural de um povo. Especificamente no caso do Mito Grego, a questão cultural não é apenas de cunho religioso, mas em um amplo espectro também, a realidade moral da antiguidade na civilização grega. A cosmogonia presente no mito grego pressupõe a tratativa organizacional de uma sociedade diferenciada. Em relação ao ensino de filosofia, ao se trabalhar os mitos de forma temática esses promovem o próprio efeito do pensar. O risco que se corre em se pensar um conteúdo desligado da realidade e de modo arquivista, isto é, de acumulação de conceitos e sistemas, é o de transformar as aulas de filosofia em algo enfadonho e pouco produtor. Embora o que ela, a disciplina em si, produz, não é algo concreto mas sim o de conceitos e tais não são palpáveis mas dinâmicos. Como diz Apsis e Gallo, 2009, “Teríamos aqui o mesmo efeito apontado e criticado por Nietzsche em relação ao ensino da filosofia na Alemanha de seu tempo, despertando mais o desprezo pela filosofia do que o interesse por ela.” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.52). Ou por Adorno no fragmento tratado no início deste trabalho.³³

De certo modo, o uso do método dialógico³⁴, nas discussões sobre o mito grego, traz a realização plena no ato do filosofar em sala de aula. Como fora visto antes, o papel da

³³ Ibdem p.14

³⁴ Que parte do diálogo em debates que fora utilizado por Sócrates nas palavras de Platão. Figura muito presente nos diálogos onde o pensador citava os mitos para produzir o debate.

filosofia no Ensino Médio é o de “Segundo nossa maneira de ver, a garantia da possibilidade de que o ensino seja experimentação do pensar filosófico que reside em uma abordagem problemática dos temas. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.52). Assim, acreditar que os mitos existam ligados ao desenvolvimento social grego é uma boa forma de atualizar esse mito para as questões próximas dos alunos. O que esta pesquisa fez foi é associar de modo simples, a metáfora presente nos mitos gregos com as questões que envolvam a violência contra a mulher, que é tão presente na sociedade contemporânea quanto na antiga.

A utilização dos mitos de Hércules e de Medusa se dá a partir das múltiplas intenções que esses mitos tiveram nos tempos antigos. Hipoteticamente é possível que esses mitos tenham sim desejado despertar uma informação necessária ao debate sobre a presença da mulher na sociedade grega. O próprio Werner Jaeger, 1995 já havia mencionado que a mulher é em tons amenizados, citada por um doce discurso. “É preciso dizer aqui uma palavra sobre a importância dos elementos femininos na velha cultura aristocrática. A *arete* própria da mulher é a formosura” (JAEGER, 1995 p.46). Assim, a presença feminina nos mitos é mais do que coadjuvante, é *quicá* um dos focos do próprio mito.

2.2 O MITO DE MEDUSA E DE HÉRCULES E O FEMINICÍDIO

Os mitos são relatos fantásticos e fantasiosos, entretanto trazem uma realidade distinta da vida, que em suas interpretações se casam com o pensamento daqueles que bem sabem ler as metáforas presentes em seu interior. Fazer uma filosofia baseada na história da filosofia é apenas construir o que já está construído. Nada impede que se reforme o conhecimento e bem se sabe que a filosofia própria o faz.

“É necessário que o professor evidencie os problemas que estão por trás dos temas e da própria história da filosofia, como motores do pensamento, como aquilo que fez com que os filósofos pensassem ao longo da história” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.52).

Cabe ao professor de filosofia, então, esmiuçar as muitas possibilidades que existem nos discursos e nas situações que envolvam a gênese e a própria filosofia. Colocar o mito de Medusa e de Hércules em debate e no que tange a figura feminina de sua mãe Alcmena, é em suma o que Aspsis, Gallo 2009 colocam como o “(...) que pode produzir nos

alunos a possibilidade de que eles se afetem também pelos problemas e se ponham no movimento do pensamento. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.52). Criar novos problemas a partir dos já existentes corrobora com o pensar filosoficamente. Alcmena que entra na história como aquela que dá suporte à figura do herói Hércules tem o papel importante como a mulher que pariu o herói, tal se deu, a partir de um relacionamento mágico e fantástico com Zeus. Alcmena é enganada por Zeus que se submete aos seus desejos voluptuosos e por eles se torna escravo da intensão e ato. A figura feminina e fiel ao General³⁵ é a exposição doce de Alcmena em sua “formosura”³⁶ e isso afronta a estabilidade emocional daquele que tudo pode tanto no Olimpo³⁷ quanto no plano comum dos mortais.

O desejo dos deuses gregos deveria ser atendido e esses não estavam sujeitos aos regramentos morais dos mortais. Caberia apenas aos deuses esse salvo conduto comportamental. Cortejar as mulheres mortais não era uma exclusividade dos mortais e os deuses sabiam disso. Essa era uma característica do homem grego “O culto a beleza feminina corresponde ao tipo de formação cortesã de todas as idades cavalheirescas” (JAEGER, 1995 p.46) e conseqüentemente isso refletia nos mitos. Zeus não necessita cortejar. A ele basta desejar e tomar conta, assumir, usufruir e fazer o que bem quisesse, tal como Poseidon o fez com Medusa, mas age de forma diferente desse. Zeus age com a volúpia e a corrupção da moral ao pedir ajuda de seu filho Hermes, esse, que oferece seus préstimos a Zeus para que a divindade consiga seu intento, não aparece na história como apenas o filho de Zeus e Hera, mas como o corrupto e corruptor. A mulher que aparece na história é além de uma personagem uma qualidade.

“A posição social da mulher nunca mais voltou a ser tão elevada como no período da cavalaria homérica. Arete, a esposa do príncipe Feace, é venerada pelo povo como a uma divindade. A sua presença basta para acabar com as disputas, e pela sua intercessão e ou conselho determina as decisões do seu marido. Quando Ulisses quer obter ajuda dos Feaces para o seu regresso a Ítaca, não se dirige primeiramente ao rei, mas em seguindo o conselho de Nausíca, abraça-se suplicante aos joelhos da rainha, cuja benevolência é decisiva para o deferimento da sua súplica. ” (JAEGER, 1995 p.46)

³⁵ Seu esposo que foi enviado por Zeus a uma batalha para que a divindade pudesse ter tempo de seduzir Alcmena.

³⁶ Sentido dado por Jaeger.

³⁷ Morada dos Deuses.

Nos mitos, as mulheres aparecem muitas vezes como as vítimas e em situações benéficas à moralidade grega. “A mulher, todavia, não surge apenas como objeto de solicitação erótica do homem, como Helena ou Penélope, (...) Penélope é muito louvada pela sua moralidade rígida e virtudes caseiras.” (JAEGER, 1995 p.46). Entretanto esse apelo erótico à corrupção, não por parte das mulheres, mas dos homens mortais e dos deuses é evidente quando se pensa que, no caso de Penélope por conta da morte do herói que era seu esposo³⁸, durante o tempo em que ele estava longe se desejava não só a mulher, mas o lugar que o rei havia deixado vago. No caso de Helena a guerra pela dama era apenas um pretexto para a conquista de Tróia por parte de Agamemnon³⁹.

Alcmena, que era a jovem doce, bela e formosa afronta Hera com sua beleza, pois essa sabia que Zeus tinha por ela, a mortal, um apreço incomum. Ao saber dos deslizes de seu parceiro, Hera, se enfurece e projeta em Alcmena um sentimento comum aos mortais, isto é, a inveja e o ciúme. Mas por ser uma deusa, tinha também o poder de determinar o movimento nas ações dos mortais. Nesse sentido, ela pune de certa forma, Hércules com as dez tarefas. O faz isso, não porque sente pena de Alcmena, que fora vítima da fúria de Hércules quando esse a fere ao fio da espada por pensar ser ela um monstro que adentrou seu quarto,⁴⁰ mas sim, por uma razão simples de repulsa a Alcmena e a sua cria. O feminicídio que ocorre por parte de Hércules contra Alcmena, não foi provocado diretamente pelo herói, mas pela sua incapacidade de perceber a medida de sua fúria que foi fomentada pela ilusão que Hera lhe fez acreditar ser verdade. É comum em relatos de mulheres que são vítimas de violência doméstica, em que essas retiram a culpa de seus agressores com alegações tais como, como “ele não tem culpa e só estava nervoso”.⁴¹ Hera, nesse sentido é a verdadeira culpada. O Herói é vítima de sua incapacidade de controle sobre sua fúria e força.

³⁸ Ulisses que esteve navegando em aventuras por muitos anos deixando sua esposa como rainha.

³⁹ Conhecido pela saga do cerco a Troia.

⁴⁰ Hermes coloca em sua mente imagens de monstros e Hércules em um acometimento de fúria fere de morte Alcmena sem perceber que era a sua mãe mas por pensar ser ela um monstro.

⁴¹ Infelizmente, seria prematuro concluir, com base nesses resultados, pela baixa tolerância à violência contra a mulher na sociedade brasileira, pois a mesma pesquisa oferece evidências no sentido contrário. Quase três quintos dos entrevistados, 58%, concordaram, total ou

Percebe-se que os dados da violência contra a mulher pelos motivos mais torpes são considerados hoje como problema mundial e em comparativo com o mito, a força e a fúria do homem no feminicídio e na violência nas suas diversas formas não é uma ilusão imposta, mas uma realidade.

“De acordo com estudo realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – Estúdio múltiplas de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer (OMS, 2002) – as taxas de mulheres que foram agredidas fisicamente pelo parceiro em algum momento de suas vidas variaram entre 10% e 52% em 10 países pesquisados. ” POLITIZE. O que pedem os estudantes das escolas ocupadas? ([Http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/](http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/)). Acesso em: 17 mai. 2018.)

Desse modo, é pertinente levantar a questão da violência contra a mulher, que no caso de Alcmena se dá de dois modos. Inicialmente pela inobservância de Zeus a fidelidade que Alcmena tinha para com o General e que ardilosamente trama contra essa para que, com a ajuda de Hermes, ele, Zeus, possa ter uma noite do que se chamaria modernamente, Sexo consentido ou de apenas uma conjunção carnal. O filho que surgiu, fruto desse ato, foi o herói Hércules. Filho bem amado de Zeus, alcunha que ficaria estigmada na sua característica de herói. Zeus que ao perceber do retorno de General ao lar e sua fúria pelo suposto adultério de Alcmena, intercede em favor da mulher confirmando a fidelidade dessa, pois ao relatar que só a possuiu se transformando na aparência de General, tal feito, com a ajuda de Hermes. Esse é o mito e com os devidos resumos poéticos e apenas para que sirvam ao trabalho e a aula proposta por este.

parcialmente, que “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros”. E 63% concordaram, total ou parcialmente, que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. Também, 89% dos entrevistados tenderam a concordar que “a roupa suja deve ser lavada em casa” e 82% que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Há algo aparentemente paradoxal no fato de parte expressiva dos entrevistados tender a concordar tanto com essas últimas sentenças quanto com a que preconiza a prisão para o marido violento – que poderia ser vista como a intromissão da colher do Estado na briga do casal, com a inexorável consequência de tornar pública a lavagem da roupa suja POLITIZE. O que pedem os estudantes das escolas ocupadas? Disponível em: <<http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

2.3 O MITO DE MEDUSA E A “CULTURA DO ESTUPRO”, O USO DAS METÁFORAS.

O uso de metáforas é muito presente nas literaturas. Considerar os mitos como metáforas é um tanto quanto perigoso, porque de modo geral Mitos são construções culturais e as metáforas podem ser simplesmente construções literárias. O que neste ponto se defende é o uso das metáforas presentes nos mitos, tal como no caso do mito de Medusa. Palma, 2008 analisa Aristóteles⁴² ao falar das metáforas onde coloca que, o mesmo diz que a metáfora e que poderia ser expressa de modo literal, e compreendê-la seria como decifrar um código ou fazer uma tradução de algo já conhecido. De grosso modo, falar das metáforas presentes nos mais diversos mitos, ao que parece, nada produz de fidedigno no que tange a semântica “Ora, o ponto de vista semântico tem dificuldades para explicar por que uma expressão linguística pode ser interpretada (...)” (PALMA, 2008 p.13). Neste momento se faz necessário informar que o trabalho não está tratando das metáforas enquanto seu arcabouço linguístico, mas na sua apresentação prática dentro dos mitos e seu uso em sala de aula.

O mito de Medusa transliterado, traz a figura horrenda de uma Górgona⁴³, que em suma, representa a morte e o horrendo, mas a metáfora que se apresenta nessa história mitológica é da luta dos contrários heraclitiana⁴⁴, pois o que se deseja não é a mulher horrenda mas sim a beleza que a sacerdotisa possuía. Nesse ponto, a metáfora fica evidente e se mostra como certa veracidade da representação da morte. Palma, 2008 em uma nota de rodapé cita Ricoeur, 1975 “por exemplo, com base em uma concepção semântica, defende a existência de certa capacidade ou qualidade misteriosa da

⁴² “a transposição de um nome para uma coisa diferente daquela que tal nome significa” (Aristóteles, 1990, p.1.457b apud PALMA, 2008 p.12)

⁴³ Górgona *Gorgón/Gorgó*, no plural: Γοργόνες) é uma criatura da mitologia grega, representada como um monstro feroz, de aspecto feminino e com grandes presas. Tinha o poder de transformar todos que olhassem para ela em pedra, o que fazia com que, muitas vezes, imagens suas fossem utilizadas como uma forma de amuleto. A Górgona também vestia um cinto de serpentes entrelaçadas.

⁴⁴ Heráclito foi um pensador pré-socrático que defendia o eterno fluxo em equilíbrio na luta dos contrários.

metáfora, de ministrar “ um conhecimento profundo da realidade” (RICOEUR,1975 apud PALMA, 2008 p.15)⁴⁵

Trabalhar a questão da beleza no mito de Medusa é trabalhar o óbvio. A mulher bela e formosa⁴⁶ desejada por Poseidon se mostra como toda mulher desejada e proibida. Apesar de Medusa, enquanto bela, ser o desejo masculino como sacerdotisa de Atena seria uma afronta para a deusa qualquer mortal a desejar, afinal as sacerdotisas não possuíam essa liberdade sexista em sua condição de sacerdotisas. As metáforas dessa situação constituem um entendimento mimetizado do mundo real. Como se percebe no tratamento midiático, da atualidade, que se faz da mulher de padrão estético de beleza e desejo masculino. Não é o intelecto que está em jogo, mas simplesmente a posse do formoso, não no sentido que Werner Jaeger, 1995 coloca, mas sim no sentido da volúpia.

“Quando alguém oferece outro plano associativo, estabelece uma convergência inédita que produz uma mudança igualmente inédita na percepção dos fatos, e a lógica habitual – com a qual os fatos eram considerados dentro de uma esfera - fica invadida pela lógica da outra esfera. Processos desse tipo é moeda corrente na ciência, na qual, num momento determinado, os fatos saem do quadro em que habitualmente eram percebidos” (PALMA, 2008 p.17)

O conhecimento que se traduz no mito de Medusa, ao considerá-la uma figura metafórica, é o de que dentro desse dualismo entre bem e mal, formosura e grotesco e sobremaneira de doçura e maldade, a coloca em uma posição de vítima. Ela sendo aquela que congela o coração dos homens a ponto de se tornarem pedra, é desejada e odiada por uma categoria masculina que teme a morte, mas a deseja em suas batalhas. Deseja o proibido, a descoberta, o desconhecido e nesse desejar encontra, ou, com o próprio objeto de seu desejo ou com a fuga dele para a covardia. Outro aspecto é da mulher forte que deixa homens prostrados aos seus pés ao se submeterem ao seu olhar. Mulheres com essa característica são temidas pelos homens, pois esses fazem parte, geralmente, da categoria totalizante de poder e subsunção do gênero feminino e quando

⁴⁵ PARINI, Pedro. A Retórica da Metáfora dos Modelos na Teoria do Direito. Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis, p. 81-110, dez. 2013. ISSN 2177-7055. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/30340>>. Acesso em: 18 maio 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n67p81>.

⁴⁶ Neste momento não adentra ao sentido que Jaeger atribui.

se depara com esse tipo de mulher que lhe congela os sentidos e a toma como uma ameaça constituindo a misoginia.

A Medusa dos desejos humanos é a mesma Medusa dos desejos divinos de Poseidon. Assim, como é comum no desejo humano a posse ou a conquista. Medusa nesse sentido representa a pureza e a “fôrmosura” citada por Jaeger, 1995 que constitui muitas das concepções estéticas que a mulher representa. Considerar Atenas⁴⁷ como o único empecilho para que se chegue a Medusa só caberia aos mortais, mas esses, quando se tornam deuses de seus atos ou divinizam-se consideram “metaforicamente falando”, aqueles que de posse de suas forças, “ditas divinas” regradas por uma afronta a virilidade que é o que se poderia chamar de “Machismo”.

Matar medusa não era talvez a intenção do estupro. Muitas vezes a violência contra a mulher não é o desejo de extingui-la do convívio, mas de submetê-la ao domínio possessório. Poseidon, parece se impor ao afrontar Atena. Aliás, afrontar a deusa não era verdadeiramente o objetivo, mas uma consequência daquilo que ele, Poseidon, possuía junto com outros deuses, isto é, um profundo desprezo pelas regras impostas pelo que se pode chamar de convívio humano. Está certo que os deuses não preconizavam qualquer convívio com os mortais, mas no que tange a violência do estupro, em nada aflige o seu comportamento. Sabe-se que aos estupradores qualquer castigo é ínfimo pelo feito. Atena culpou a própria jovem sacerdotisa, tirando dessa, o que lhe era demasiado importante, seus cabelos, sua beleza, sua vida e sua condição de sacerdotisa. As madeixas eram para Medusa como para qualquer mulher a dignidade física.

Dizer que os mitos apregoavam a deterioração do respeito à mulher como regra é interpretar de forma errônea. “Penélope desamparada e desvalida, move-se entre o tropel dos atrevidos pretendentes com uma segurança que revela a sua convicção de que será tratada com o respeito devido à sua pessoa e a sua condição de mulher” (JAEGER,

⁴⁷ Deusa do templo em que medusa era sacerdotisa, que ao saber do ocorrido, isto é, do estupro promovido por Poseidon, deus dos mares, pune a Medusa com o pior dos castigos. Seus lindos cabelos se tornam cobras e seu olhar congelaria qualquer homem que para ela olhasse.

1995 p.47). Percebe-se assim, que dentre os mortais a mulher tinha sua condição feminina respeitada. Não é por acaso que os mitos tratam desse assunto, sobremaneira no que tange ao sentido mimético dos mitos. Na sociedade grega a *areté* tratava exatamente disso, “A cortesia com que os senhores tratam as mulheres (...) é fruto de uma cultura antiga e de uma elevada educação social” (JAEGER, 1995 p.46). A educação grega, de certa forma e conforme o autor proferia um respeito e dava uma qualidade a condição feminina “A mulher é atendida e honrada não só como um ser útil, (...) mas acima de tudo (...), a mulher pode ser mãe de uma geração ilustre. Ela é a mantenedora e guardiã dos mais altos costumes e tradições” (JAEGER, 1995 p.46) Assim, é cristalino que a figura da mulher era além da “formosura” a daquela que possuía o “ilustríssimo” de seu gênero.

Coloca-se na mulher também, dentro da Odisseia, um valor espiritual para a sua condição feminina, onde, “(...) sua dignidade espiritual influencia também o comportamento erótico do homem.” (JAEGER, 1995 p.46) O homem Adonis, presente nos mitos não age como divindade nem como Poseidon na maioria das vezes. No mito de Perséfone⁴⁸, onde Hades, a domina e vive um casamento conturbado com essa e que atraiu inclusive os olhares de Zeus seu pai por sua beleza, destaca uma visão erótica para com a mulher. Entretanto a “formosura” de sua presença no mundo mortal instaurando a primavera é a doçura da presença feminina. Presença essa que é bem evidente na descrição desse mito.

A mulher que é violentada no mito de Medusa, o é, pela sua condição de ser mulher. Poseidon não procura Medusa por sua condição de “dignidade espiritual” ou qualquer outra qualidade, mas, seu apetite sexual puro e simples. O total de desprezo pela condição dela em ser uma sacerdotisa que nada tinha de apelo a sensualidade, não o comove e pelo contrário, só o faz desejar possuí-la sem qualquer respeito a própria deusa Atena. Quanto a Atena, não perdoa a afronta, entretanto, não pune Poseidon, culpa a própria

⁴⁸ Hades deu à Perséfone uma Romã, que era o fruto do casamento. Como a deusa tinha comido os grãos, não podia deixar mais seu marido, foi então que Perséfone passava um período com sua mãe e outro com seu marido, e se torna a sombria **Proserpina**. Deste momento em diante, a cada vez que ela estava com seu marido virava inverno na terra, e quando estava no Olimpo com sua mãe se tornava novamente uma adolescente e chegava a primavera, o verde da natureza fazia brotar muitas flores e frutos. E mesmo sendo uma relação muito complicada, vive com muito amor com seu marido Hades.

Medusa. Percebe-se que, seja na sociedade grega seja na atual, a questão da cultura do estupro está muito presente. Que culpa Medusa teria para ser cruelmente punida. A “formosura” da mulher ou a sua presença construída por uma misoginia comum a uma sociedade que vê com normalidade. Esse ponto é o que esta pesquisa tentou levantar dentro do mito e na sua racionalização radical considerando essa atitude como algo abominável.

Para a prática escolar, deve-se formular o debate com informações realistas e que ofereçam, pelo menos, o interesse ao debate, por si só.

“No Brasil uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) destinada a investigar a questão da violência contra a mulher, abrangendo 20 unidades da Federação, de janeiro de 1991 a agosto de 1992, destacou três estados onde os percentuais de estupro relacionados ao total de delitos cometidos contra as mulheres eram exageradamente altos: Alagoas, (13,3%), Pernambuco, (19,1%) e Espírito Santo, (19,8%) (Saffior & Almeida, 1995). Teixeira (1998) chama a atenção para os estudos que ressaltam a elevada incidência dos crimes sexuais nos Estados Unidos da América, e conforme estima, comparativamente, no Brasil, deve acontecer mais de 1000 estupros por dia. (Sudário & Colaboradores p.80)

Estudar o mito dentro dos aspectos filosóficos é antes de mais nada preservar a forma mais profícua da filosofia. Constatar a necessidade de um debate atualizado é, em suma, o que esta pesquisa o fez. Percebe-se que o personagem Medusa ao ser violentada por Poseidon, apenas o é por questões estéticas e que seu castigo vai afrontar exatamente essa característica. Atena condena Medusa a se transformar no horrendo. Percebe-se que tanto na antiguidade quanto na atualidade a presença dessa beleza estética afeta os instintos espinhosos de uma sociedade construída na misoginia.

“A *Iliada* contém idéias, (sic ideias) muito mais naturalistas. Quando Agamemnon decide levar para a terra Criseida, capturada como despojo de guerra, e a declara perante a assembléia que a prefere a Clitemnestra, pois não a acha inferior a ela nem pela presença ou pela estatura, nem pela prudência ou linhagem, é possível que isso seja fruto do caráter particular de Agamemnon- e já os antigos comentadores observaram que toda a areté da mulher está aqui e descrita num só verso- mas a maneira imperiosa como o homem procede, acima de todas as consideração , não é coisa isolada no decurso da *Iliada*.” (JAEGER, 1995 p.47)

Este trabalho não teve por escopo, apenas enaltecer a presença da mulher nos mitos, nem tem essa pretensão em debater se o homem grego é menos ou mais misógino que o

homem brasileiro atual, mas sim, debater a questão dos mitos gregos que parecerem atuais e da necessidade de se perceber a sua importância para a formação da sociedade grega. Outra questão presente no debate é o porquê, que após tantos avanços no campo das humanidades e tantos dogmas moralizantes ainda se encontram uma crescente construção da violência contra a mulher. Medusas são punidas e consideradas culpadas todos os dias. É alarmante e necessário se debater essa questão.

2.4 A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO E A ESTÉTICA

A mulher, de modo geral, é a vítima constante do tipo de violência relacionado a estética. Mulheres belas⁴⁹ de modo geral atraem para si os olhares e as volúpias masculinas. O que esta pesquisa tentou debater foi o desvirtuamento desse desejo tal como encontramos nos mitos de Medusa e Hércules, cujos quais foram promovidos pelas divindades ali presente e que na sua forma antropomórfica desejam, como os mortais, as mulheres mortais. Essas, que possuem qualidades humanas relacionadas a estética não estariam, em tese, ao alcance de suas posses. O que nada impede uma divindade de possuir essas “belas” mulheres.

Na sociedade, de modo geral, esse conceito de posse é muito comum como se percebe nos adágios do tipo “minha mulher”. A posse nesse sentido está arraigada daquilo que no mito percebe-se ao que Zeus faz quando deseja Alcmena, que era esposa de General. A mulher, como posse, para Zeus, não é uma mulher qualquer, ou, uma mulher comum, mesmo que de “qualidades”⁵⁰ como Perséfone ou Helena e Tróia, não que não fossem belas e em suas representações mitológicas. Não se faz muito necessário enaltecer essas qualidades, mas, a qualidade que importa para Zeus era sim a beleza estética dentro da metáfora presente nesse mito. Aquela que além de bela “formosura” possuía, também, a qualidade que o desejo mortal valorizava e que o divino não admitia dispensar, isto é, a beleza estética, mas no caso de Alcmena, muito mais a fidelidade que essa tinha para com o seu esposo General.

⁴⁹ No sentido amplo do que se reconhece como estereótipo de beleza feminina promovido pelo que Adorno chama de Indústria Cultural, isto é, aquele modelo pelo qual se concebe a o gênero como ferramenta do consumo.bn

⁵⁰ Werner Jaeger, 1995 Paideia – A formação do Homem Grego.

Em se tratando de Medusa, fica muito mais evidente que a beleza estética foi o estopim para que Poseidon a desejasse. O fato de ela ser uma sacerdotisa talvez não importasse à divindade, também, não era a afronta a Atena que a divindade tinha por objetivo ao estuprar Medusa. Poseidon tira da moça aquilo que ela tinha como valor intrínseco à sua condição de mulher sacerdotisa, isto é, a sua virgindade. Uma sacerdotisa não poderia não o ser. A motivação para tal violência é descrita no mito como sendo uma característica marcante da moça e é nas madeixas belas que o castigo foi mais cruel, pois Atena os transforma em horripilantes serpentes. A Górgona⁵¹ que de bela sacerdotisa se transformara em monstro é o oposto a bela mulher que ela era. A beleza nesse sentido é atingida e punida com a feiura e o grotesco. Aquilo que causa desejo se transforma em repulsa.

Não é incomum na sociedade em geral, casos de mulheres que sofreram violência doméstica e tiveram sua beleza maculada pela violência de gênero, como foi o caso de uma modelo italiana Gessica Notaro Soutien⁵². A violência que atinge a beleza é, em suma, a forma de punir a mulher por aquilo que lhe representa, isto é, a formosura. Entretanto não é a “formosura” mencionada por Jaeger, 1995 e sim a formosura estética que a mulher possui. Não se está afirmando que apenas as mulheres “esteticamente belas” sofrem esse tipo de violência, mas se está comparando esse tipo de ocorrência com o que se encontra no mito, até porque, a própria pesquisa busca enfatizar que a violência é contra a mulher em si. A estética só é levada em consideração em uma

⁵¹ Como se chamaria Medusa após sua transformação em monstro.

⁵² Após ficar com o rosto deformado por uma agressão que teria sido cometida por seu ex-namorado, a italiana Gessica Notaro Soutien, de 27 anos, decidiu exhibir as marcas do que sofreu durante o programa televisivo “Costanzo Show”, apresentado por Maurizio Costanzo, nesta quarta-feira.

A modelo, ex-finalista do concurso Miss Itália, passou por pelo menos duas cirurgias de reconstrução e dois meses isolada no hospital para reparar as consequências de ter sido queimada por ácido, conforme a acusação. Deve levar um ano - e significativo gasto financeiro com tratamentos - até que a jovem esteja preparada para cirurgias plásticas. As informações são do "Daily Mail".

Ela e Jorge Edson Tavares se conheceram em um aquário de golfinhos, onde trabalharam juntos. Ele teria começado a persegui-la, a fazer ameaças constantes e até simulado suicídio, por ciúmes, depois do término do namoro, em agosto do ano passado. Mas até, então, segundo a vítima, Tavares se mostrava um namorado exemplar. (<https://extra.globo.com/noticias/mundo/modelo-italiana-atacada-com-acido-por-ex-namorado-exibe-rosto-pela-primeira-vez-21236740.html>) 06/02/*2018 as 12:47

tentativa frustrada de justificativa, pois não é porque a mulher é bela que se deva submetê-la a violência ou justificar de alguma forma tal ato repudiável.

Nossa cultura exibe a mulher, permanentemente, como forma de reforçar seus arquétipos. Destinada ao público feminino –, identificação com o modelo, ou a um público masculino –, registro da alteridade desejável, menos do que a feminização do mundo, como apontam alguns, esta exposição parece reforçar a idéia, (sic ideia) de colocar em imagens o objeto de desejo. (VILHENA, SOUZA, MEDEIROS 2005, p.112).

Na cultura machista, de modo geral, o estereótipo feminino como belo é o arquétipo da mulher perfeita. O que se configura demasiado conflitante, pois como Jaeger, 1995 coloca sobre a formosura, esse entendimento não é uma exclusividade do homem grego, mas se estende a qualquer mulher. VILHENA, SOUZA, MEDEIROS, 2005 bem colocam o pensamento de Guy Deborld 1997 em “*A sociedade do Espetáculo*” onde o enaltecimento do que está aparente atrai os olhares e as admirações sem a devida atenção para a essência.

“(…) quanto mais ele [o indivíduo] contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (...). É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte (Debord,1997, p. 24 apud VILHENA, SOUZA, MEDEIROS 2005, p.113)

O estereótipo da mulher como bela está presente, em boa parte da literatura, incluída como vocábulo.

“Até a edição de 1971, o Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Hollanda, atribuía ao significante Beleza, o significado de “qualidade do que é belo; da coisa bela ou agradável; da mulher bela.” Entretanto, o enlaçamento entre o vocábulo beleza e tudo aquilo que se refere ao campo da feminilidade parece tão antigo quanto a civilização. Aliás, a própria palavra pertence ao gênero feminino. Apesar de antiga, no entanto, esta articulação nunca foi trivial. Como causa do Mal ou qualidade essencial, os sentidos produzidos pela mulher bela atravessaram os tempos o que lhe parece assegurar um lugar como ente psíquico imortal. É, no entanto, precisamente da morte que este significante veio nos falar.” (VILHENA, SOUZA, MEDEIROS 2005, p.119)

Medusa e Alcmena são vítimas de sua própria beleza, reféns de uma condição feminina. O gênero feminino não merece, de modo algum, esse estigma de forma negativa. Tal estigma, cabe ser elencado no debate sobre violência contra a mulher, para que de modo

profícuo os alunos possam perceber que a mulher é em sua condição feminina um ente superior aos estigmas lacrados em sua imagem de gênero, seja pela Indústria Cultural, na sua forma mais vil, seja pelo que se reconheça como culturalmente aceito na sociedade como verdade absoluta. Assim, percebe-se durante os debates que a cultura do estupro possui em seu escopo o arcabouço da violência. Essa violência é punida pelas diversas sociedades com o rigor da lei. Entretanto, mesmo que se busque a valorização do gênero nas mais variadas formas, as punições aos agentes promotores do estupro agem, de fato, de forma livre e despreocupada. Muitas vezes os estupros acontecem dentro das casas mais abastadas, promovida por indivíduos que supostamente possuem instrução moral que condena tal ato. Não é incomum se ver nos noticiários relatos de estupros coletivos em grupos de estudantes universitários, o que se configura ainda mais revoltante.

3 DA ATIVIDADE DO PROFESSOR DE FILOSOFIA EM SALA DE AULA.

3.1 O USO DE DEBATES EM SALA DE AULA E A PROFICUIDADE PEDAGÓGICA DE UM DEBATE TEMÁTICO ASSOCIADO A QUESTÕES FILOSÓFICAS

Neste ponto da pesquisa se discute a importância do debate nas salas de aula do Ensino Médio. O ato filosofar parte das máximas onde, “O ensino de filosofia como possibilidade da experiência filosófica” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.61) é o desejo do professor de filosofia. Sabe-se que de muitas disciplinas se espera resultados das ferramentas utilizadas. As ferramentas que o professor de filosofia dispõe geralmente são diversas e a criatividade do professor em responder ao pedido pelo sistema é que oferece uma manutenção da disciplina, como merecedora de destaque na maioria das vezes como sendo aquela que dispõe aos alunos a oportunidade do debate.

“No contexto de uma educação massificada e voltada para auto subjetivação, cujo resultado é a formação do ensino de história da filosofia, que apresenta de forma condensada os principais sistemas filosóficos, sem se importar em examinar em que medida eles podem ou não apresentar algum sentido para a vida dos jovens, mas, como mostra o filósofo, tal ensino parece mais afastar da filosofia do que se aproximar dela, se a compreendemos como experiência e exercício do pensamento. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.51)

Ensinar filosofia não é ensinar um ofício, mas ensinar a arte do filosofar. Percebe-se que nesse quesito não é a arte de apenas argumentar. É, talvez, um agir e não depender apenas da produção dos conceitos e das proposições “Enfim, o conceito não é discursivo, e a filosofia não é uma formação discursiva, porque não encadeia proposições. ” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.34). Desse modo, está intrínseco com o filosofar, a impressão de uma assinatura conceitual onde, aquele que se propõe a filosofar deve ter.

Produzir o argumento, dentro do debate é a chave para o ato de filosofar, mas corre-se o perigo de se entrar em um ciclo vicioso, onde não se encontra as respostas. Parece tentador, mas “É por isso que o filósofo tem muito pouco prazer em discutir. ” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.41). O que se percebe é que o debate é a ferramenta do filósofo, mas saber usar essa ferramenta é a arte do filosofar. “Fazemos, às vezes, da filosofia a ideia de uma perpétua discussão (...). Nada é menos exato e, quando um filósofo critica outro, é a partir de problemas e de um plano que não eram aqueles do outro (...)” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.41). Assim o filosofar é também o discursar sobre argumentos do outro, entretanto é o concordar e discordar, mas no intento da produção do conceito, “Por isso pensamos que uma abordagem de natureza temática é mais adequada ao ensino de filosofia, se pretendemos um ensino ativo que oportunize experiências de pensamento. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.51). Então, o filosofar pelo debate traz a ferramenta de modo concordante com o projeto de filosofia na sala de aula. Trabalhar com temas reconhecidamente conflitantes está dentro do perceber sobre o filosofar profícuo, embora não seja esse o objetivo da filosofia como disciplina, mas sugerido para tal, sobretudo em se tratando de Ensino Médio.

Crer que a filosofia dará todas as respostas é, talvez, um dos grandes equívocos daqueles que se propõe ao debate. A proficiência de um debate está sempre interligada com o seu tema. A filosofia no Ensino Médio pode não trazer as respostas que os alunos buscam, mas oferece as problemáticas que buscarão essas respostas. Tratar de temas conflitantes, com certeza é traz o aluno ao debate, mas tratar de temas que estejam distantes do cotidiano dos adolescentes não teria tanto efeito discursivo quanto tratar de um assunto que eles possam ter conhecimento.

Também, é de difícil compreensão alguns temas fielmente filosóficos como o movimento ou a permanência o Uno ou o que é imanente nos diversos e complexos sistemas filosóficos. Entretanto, tratar de temas comuns dentro de perspectivas filosóficas traz, talvez, o entendimento de fato do que se mostra como o filosofar. “Através de temas filosóficos, pensamos ser mais viável sensibilizar os estudantes para o pensamento. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.51). Dessa forma, encontram-se as chaves certas para as portas certas. Lembrando que não há interesse, desta, em menosprezar outros temas de ordem filosófica, mas tão somente defender a ideia do uso nos debates temáticos de situações cotidianas. De forma alguma se defende rifar o conhecimento e muito menos menosprezar o entendimento do aluno, mas muito mais oferecer a ele o exercício do pensar. “Qualquer outra justificativa para o ensino de filosofia nos parece inócua, inoportuna e inatural. Ensinar filosofia para que cada um possa pensar filosoficamente a pensar por si mesmo. ” (ASPSIS, GALLO, 2009 p.61) ”. Cabe ao professor de filosofia perceber quais temas pode tratar em sala de aula e considerar de seu modo próprio, a necessidade para tal.

Talvez, deva-se construir um esboço dos temas propostos e mais instigantes e a partir desses, adequar ao conteúdo da filosofia para que se possa, então, formular currículos de fato ligados à proficuidade dos debates. E, não com assuntos enfadonhos que geralmente se encontram no âmbito conjectural como nas muitas disciplinas, que o próprio aluno elege como dispensável. Percebe-se então que ao professor de filosofia cabe além de tudo a incumbência da melhor escolha para que haja o debate.

3.2 O PERSONAGEM CONCEITUAL E O DEBATE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE AVALIAÇÃO

Cabe ao professor elencar personagens para o seu debate. Geralmente em se tratando de situações que envolvem violência doméstica é muito comum que, entre os alunos, se tenha exemplos das situações elencadas por esse personagem conceitual. Entretanto não

se recomendaria ao professor se utilizar de casos próximos, nominando-os, por razões relacionadas ao respeito que se deva ter para com os alunos, mas, não haveria mal algum em buscar situações hipotéticas e casos semelhantes, pois em sua ampla maioria os casos de violência contra a mulher são muito parecidos.

O professor que está elencando o debate sobre a violência tem a necessidade de criar personagens. Os mitos auxiliam nesse sentido, pois os personagens já estão lá. Embora como preconiza Delleuze, Guattari;

“O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia.” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.86) .

O personagem que os autores se referem, na verdade não é o do mito, mas o do objeto que resulta do ato do filosofar. Se a questão da violência contra a mulher é o que acontece com Alcmena e Medusa e por motivos diferentes ocorrem, não se diferem muito entre si. Ambas, tanto Alcmena quanto Medusa foram vítimas da intencionalidade do poeta, em expor o assunto . O professor de filosofia é aquele que, segundo Delleuze e Guattari, 1992 cria junto aos seus alunos os personagens conceituais sob os temas propostos.

Ensina-se a filosofia através dos temas, construindo personagens conceituais que não estão distantes do mundo real, mas intrínsecos à realidade mesma desse. “Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.86). O professor dá voz ao personagem conceitual através da escolha dos temas para o debate e desse modo encontra a proficuidade mencionada anteriormente. Dessa forma, promove a transformação do pensamento em atitude. “O filósofo é a idiosincrasia de seus personagens conceituais.” (DELLEUZE, GUATTARI, 1992 p.86).

Entenda-se que não é objetivo do debate o de construir um novo mito, mas o de racionalizar o mito, e no caso do mito grego, de modo a se buscar o entendimento do mesmo, sem é claro se distanciar da realidade dos alunos. Os debates por si, constroem

suas próprias avaliações, de modo que, ao se considerar a proficiência do tema já se busca a avaliação do mesmo.

Avaliar um debate é de certa forma, construir um plano de conclusão. Buscam-se dentro dos debates os personagens conceituais e quais foram os objetivos que o criador desses propôs. Os filósofos em questão são os agentes do debate, isto é, professores e alunos. Afinal, são os filósofos justamente por estarem se distanciando das amarras do discurso e sim na buscando pelas práxis desses conceitos dentro de um processo inerente o pensar e agir. Assim, a avaliação construída pelos alunos em pesquisas feitas para o debate e na construção dos próprios argumentos é contínua e contígua ao debate em si.

O método pedagógico-filosófico, utilizado dentro do debate, é em suma, o dialógico, em que na sua conjectura socrática, produz o conhecimento. Da forma que Paulo Freire⁵³ preconiza em suas afirmações e no que tange a proficiência do ato de filosofar. “O diálogo é, assim, a condição fundamental para a verdadeira educação” (FREIRE, 1975, p.98). Produzir filosofia ou filosofar, propriamente, é inserir-se no debate de maneira a formular posicionamentos e dentro deles, construir os conceitos. Sejam esses conceitos no âmbito do discurso ou no âmbito dos personagens conceituais. No que concerne a produção realizada entre professor-aluno e na interação dentro da escola, o currículo é enriquecido durante o processo de ensino. O conteúdo se torna assimilado como práxis oriunda do ato de filosofar.

Tanto professor quanto aluno constroem para si seus processos de conhecimento, tais, a partir do debate dialógico. Esses possuem em seu escopo a construção de um novo

⁵³ Paulo Freire, foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.

Sua prática didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição à por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído; libertando-se de chavões alienantes, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado. Autor de *Pedagogia do Oprimido*, livro que propõe um método de alfabetização dialético, se diferenciou do "vanguardismo" dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático

indivíduo, mesmo que antagônico ao anterior. Nesse ínterim ninguém obtém para si a tutela da verdade, se não o próprio personagem conceitual criado para tal.

(...) o objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva de um dos sujeitos que fazem o conhecimento, de suma das pessoas envolvidas no diálogo. No caso da educação, o conhecimento do objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva do professor, que concede o conhecimento aos alunos num gesto benevolente, em vez dessa afetuosa dádiva de informação aos estudantes, o objeto a ser conhecido medeia os dois sujeitos cognitivos, em outras palavras, o objeto a ser conhecido é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento. Eles se encontram em torno dele e através dele para fazer uma investigação conjunta. (FREIRE, 1987. Veja também FREIRE, 1975, p.80; FREIRE, 1977, p.32 apud SOFISTE, 2007 p.94).

A responsabilidade do professor de filosofia, em educar, seria talvez o de manter objetividade do tema e o respeito ao interlocutor em sua história, elevando as discussões para um processo e não para um fim em si mesmo. Produzir filosofia, a partir do método dialógico é o que Juarez Gomes Sofiste, 2007 chama de “investigação dialógica” que no final das contas é a própria avaliação dentro do debate. Aquilo que depois de macerado às luzes do conteúdo e das devidas ressalvas se torna o ato do filosofar. Dialogar dentro do debate, “É a tentativa de compreender a realidade mediante as suas contradições”. (SOFISTE, 2007 p.95) Além do que, “ (...) na abordagem dialética, a realidade não é um amontoado de objetos, de fenômenos isolados e independentes, mas um todo unido, em que os objetos e fenômenos são ligados entre si, dependendo uns dos outros, e se condicionando reciprocamente”. (SOFISTE, 2007 p.95). Assim, o professor e o aluno constroem por meio de um filosofar os objetos conceituais na perspectiva de seus personagens conceituais.

4. APONTAMENTOS CONCLUSIVOS

O presente trabalho se pautou na discussão sobre o feminicídio e a violência contra o gênero feminino. Esse foi, em suma, o escopo do trabalho. Inicialmente, se buscou caracterizar o ensino de filosofia e a sua presença dentro do currículo do Ensino Médio, tanto na sua formulação, quanto em qual é o papel que a mesma produz na sociedade. Em dado momento se falou do professor e sua constituição enquanto professor de filosofia para só então tratar da questão do feminicídio e da violência contra o gênero feminino, fomentado pelas questões estéticas e a proximidade dessas temáticas com os

mitos de Hércules e Medusa. Por fim, se falou das questões didáticas envolvendo o debate em sala de aula e sua importância para o ato do filosofar

A necessidade de tratar os temas propostos se dá em virtude das alarmantes situações que envolvem o gênero feminino, em relação à violência de gênero. O trabalho em si, não foi elaborado para dar uma resposta à causa e nem para sugerir mudanças comportamentais, embora o fosse, em sua pretensão intrínseca. O presente trabalho foi elaborado, tão somente, para demonstrar que os mitos gregos em suas especificidades podem ser trabalhados com situações hipotéticas do comportamento humano atual e comparar a atitude dos primeiros filósofos ao interpretarem os mitos racionalizando-os para que no final, a mudança de comportamento possa acontecer.

A presença da morte e da dor na figura da Górgona Medusa é o horror da violência que não se deseja. As discussões que envolvem a justiça em relação à punição dada à sacerdotisa são, em tese, profícuas ao entendimento do sentido de justiça. A figura doce e bem definida de Alcmena é o desejável para o gênero feminino tanto quanto para o masculino. Entretanto, a mãe Alcmena que não se furta a desprezar o filho Hércules, mesmo sabendo que esse é fruto de um relacionamento não desejado, pois essa fora enganada por Zeus, traz a tona debates relacionados à figura da mãe de fato em situações análogas.

Discutir os Mitos Gregos em relação apenas à sociedade grega, nas aulas de filosofia do Ensino Médio nas escolas brasileiras e dentro de perspectivas históricas se mostra enfadonho ao aluno. A sua diversidade de panorama social é agregadora de conceitos e disposições argumentativas das mais diversas formas de pensar. Contudo, debater o assunto da violência cometida contra o gênero feminino é agregador da reflexão para o tema. A personagem, Medusa ao ser punida como aquela que congela o coração dos homens para toda a eternidade e o fim que teve no mito ao ser morta pelo herói Perseu, representa de modo natural o fim trágico que muitas vezes se percebe nos relatos de mulheres que sofrem o tipo de violência que ela sofreu. É comum haverem tentativas de culpar a mulher pela violência sofrida. A cultura do estupro ao ser debatido dentro do trabalho fomenta o debate sobre o assunto, de modo a que, se formule o pensamento sobre o ele.

A justiça que ao tentar proteger a vítima, a expõe a uma sociedade de “heróis”⁵⁴ em que por não poucas vezes, querem exhibir os fatos e não de modo incomum culpar a vítima como a promotora daquilo que lhe aconteceu. Falas, como “foi estuprada porque se ofereceu vestindo esta ou aquela roupa”. Injuriar a mulher pelo fato de ser bonita ou feia com falas do tipo “só não foi estuprada porque era feia”; impropérios como esses são por diversas vezes ditos por autoridades em debates sobre o assunto.

Assim, debater os mitos de Medusa e Alcmena, de modo profícuo, criando personagens conceituais dentro do arcabouço filosófico e do método dialógico é das muitas formas que o professor de filosofia pode se utilizar para promover o conhecimento sobre a filosofia em sala de aula. Nesse sentido, em relação aos mitos gregos e sua função, tanto para o povo grego na antiguidade, quanto para a gênese da filosofia em si, o filosofar se torna presente.

O que este trabalho buscou então foi enaltecer a discussão sobre os mitos, aproveitando-se do tema da violência contra o gênero feminino e envolvendo as questões estéticas para que houvesse, de alguma forma, o que se preconiza nas DCEs e PCNs, isto é, o filosofar e o constituir pesquisa em sala de aula entre alunos e professores.

O Ensino Médio, em sua constituição, tem como base elementar o desenvolvimento cognitivo e social do aluno. Trabalhar os mitos com essas temáticas é trazer a filosofia e o filosofar como ferramenta para esse desenvolvimento. Percebe-se que no final das contas tanto o conhecimento quanto a proficiência do mesmo, são debatidos dentro dos conceitos e das funções pré-estabelecidas pelos objetivos, cujos quais, se preconiza como ensino de qualidade. Tais, pelo menos no que tange ao ensino de filosofia no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores.**, p.207-211 EBR – Educação Básica Revista, vol.3, n.1, 2017

⁵⁴ O sentido de Heróis utilizado nesse ponto, tem a intenção de trabalhar a questão do paradoxo entre o herói de fato e o herói do mundo real em que deseja extirpar as “medusas” e não seus agressores.

CALDERÓN, G é r m a n C a l d e r ó n. **A pertinência da educação filosófica no Ensino Médio.** Guarapuava: Unicentro, 2011

CAMPANA, Sônia. Filosofia: **Ensinar e aprender.** São Paulo: Saraiva, 2012.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 2 ed. São Paulo: Editora34,1992.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

JAEGER, WERNER. Paidéia: **A Formação do Homem Grego.** Trad. Artur. M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1995.

Kohl, M. (1996). **Escolarização e organização do pensamento.** Revista Brasileira de Educação, 3, 97-102.

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Educação Filosofia para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.** Curitiba: SEED, 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, vol. 1: filosofia pagã antiga.** Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino.** 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.Jaeger

SAVIANI. **Aprender a aprender: um slogan para a ignorância.** 2017. Antonio Paço. Disponível em: <<http://5dias.net/2011/05/27/aprender-a-aprender-um-slogan-para-a-ignorancia>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R. (Orgs.) **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas.** São Paulo: Loyola, 2007

SOFISTE, Juarez Gomes. Sócrates e o Ensino da Filosofia: Investigação Dialógica - Uma pedagogia para a docência de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

SUDARIO, Sandra; ALMEIDA, Paulo César de and JORGE, Maria Saete Bessa. **Mulheres vítimas de estupro: contexto e enfrentamento dessa realidade.** Psicol. Soc. [online]. 2005, vol.17, n.3, pp.80-86. ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822005000300012>.

VILHENA, Júnia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza , v. 5, n. 1, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 fev. 2018.